

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ALUNA: CAROLINA SALIM

UMA NOVA FRIBURGO:
AS TRANSFORMAÇÕES DE SEU CENÁRIO CULTURAL

NITERÓI

2011

CAROLINA ELISA FERNANDES SALIM

UMA NOVA FRIBURGO:
AS TRANSFORMAÇÕES DE SEU CENÁRIO CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural
da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ MAURÍCIO SALDANHA ALVAREZ

NITERÓI

2011

CAROLINA ELISA FERNANDES SALIM

UMA NOVA FRIBURGO:
AS TRANSFORMAÇÕES DE SEU CENÁRIO CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural
da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.

Aprovada em dezembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Maurício Saldanha Alvarez
Universidade Federal Fluminense

Prof. Luiz Carlos Mendonça
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues
Universidade Federal Fluminense

Ao meu avô,
Farid Lopes Salim,
com carinho e saudade...

Agradecimentos

Ao meu pai, Farid Lopes Salim Júnior, por seu amor incondicional, além de me proporcionar a oportunidade de conhecer, de viver e de crescer em Nova Friburgo.

À Gisele Castro, pelos tapas e beijos.

Ao Pedro Salim, meu irmão, por fazer meu mundo melhor.

À minha avó, Mariazinha, por sua dedicação.

À Cândida Salim, pelo seu apoio, pelas distrações e pelo carinho.

Ao Maurício Cardoso Fernandes, por sua força.

Aos meus mestres:

Tania Rivera, por compartilhar seus conhecimentos.

Flávia Lages, por todo apoio e dedicação.

Vanessa Rocha, por suas lições e experiências.

José Maurício Saldanha Alvarez, pela confiança, pelo incentivo e por toda sua orientação.

Luiz Carlos Mendonça, por sua sutileza, leveza e amizade.

Luiz Augusto F. Rodrigues, por suas reflexões, conselhos e ensinamentos.

Compreender não é reconhecer um sentido invariante, mas aprender a singularidade de uma forma que só existe num contexto particular.
(BORDIEU, 1994)¹

¹ BORDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Ática, 1994.

Resumo

O tema proposto para análise como conclusão do curso de graduação em Produção Cultural é a trajetória da cidade de Nova Friburgo desde sua fundação até a atualidade após o desastre natural ocorrido em decorrência de fortes chuvas em janeiro de 2011. O desenvolvimento do trabalho se dá através de pesquisas sobre o histórico da Cidade, buscando compreender a relevância do município, a trajetória cultural e a dinâmica desse setor, o papel da gestão cultural, identificando potencialidades, e propondo diretrizes. Há também análises do cenário cultural da Cidade; os impactos nos espaços culturais e de entretenimento; as políticas e iniciativas voltadas para o setor no âmbito público e privado; na tentativa de compreender e vislumbrar um futuro a partir da reconstrução de toda uma identidade local. Como se trata de um trabalho tão recente e de poucas referências, não há pretensão de expô-lo como concluído, mas espera-se que seu conteúdo reúna material substancial para futuras análises e pesquisas.

Palavras-chave: Nova Friburgo, desastre, indivíduo, território, identidade cultural.

Sumário

Capítulo 1. Apresentação do tema.....	9
Capítulo 2. Nova Friburgo, história e cultura. Uma Trajetória.	15
Capítulo 3. O Indivíduo e o Território	26
Capítulo 4. Estratégias de superação de desastres ambientais e construção de identidade.....	31
Capítulo 5. Conclusões.....	37
Referências	41
Anexos	43
a) Fotos Comparativas: Antes e Depois da Tragédia de Janeiro de 2011.....	44
b) Fotos – Julho de 2011.	50
c) Fotos Atuais – Dezembro de 2011.	52

Capítulo 1. Apresentação do tema

Este trabalho propõe-se a analisar o histórico e a trajetória cultural da cidade de Nova Friburgo, nos seus âmbitos público e privado, com intuito de relacioná-los com os desastres causados pelas chuvas de janeiro de 2011, avaliando os impactos no cenário atual, bem como as políticas e estratégias para a reconstrução da identidade cultural da cidade, a fim de se configurar como trabalho monográfico.

A cidade foi fundada em 1818, durante o reinado de D. João VI, por decreto deste, com a instalação de imigrantes suíços, oriundos principalmente da cidade de Fribourg. Devido ao contexto histórico da época, Nova Friburgo tornou-se atrativa para abrigar famílias de outras nacionalidades, como alemães, italianas, espanholas, húngaras, austríacas, libanesas e japonesas. Os primeiros registros culturais datam desse momento e foram eles que nortearam, a partir das influências desses imigrantes, o desenvolvimento da cidade. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2011)²

Situada na região serrana do Rio de Janeiro, a 846 metros acima do nível do mar, numa das maiores áreas de Mata Atlântica do País, com uma infinidade de belezas naturais, de clima tropical de altitude, caracterizado principalmente por invernos frios e secos e verões amenos e úmidos, é uma área de grande potencial de desenvolvimento social, econômico, turístico e cultural. (PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO, 2011)³

As fortes chuvas, do início de janeiro de 2011, provocaram grandes deslizamentos de terra na região serrana do Rio de Janeiro, atingindo, sobretudo, as cidades de Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis, devastando áreas, destruindo patrimônios, causando mortes, deixando feridos, desalojados e desabrigados.

² CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI. Centro de Documentação D. João VI - Pró-Memória de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.djoaovi.com.br>>. Acesso em: Maio 2011.

³ PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO. Prefeitura de Nova Friburgo | por uma Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.pmnf.rj.gov.br>>. Acesso em: 2011 Maio.

A existência de destruições ambientais não é movimento recente na história do homem. Em debate com meu orientador, este esclareceu que, num momento da pré-história em regiões do mundo, distantes umas das outras, ocorreu uma inundação catastrófica, a base do bíblico evento, o dilúvio. Este evento é registrado em praticamente todas as cosmogonias.

No período histórico, existiam relatos de desastres e da reação do poder diante delas. Mais recentemente, por conta da experiência oriunda de suas guerras mundiais, determinados países conseguiram elaborar um escudo de medidas defensivas para fazer frente a tais eventos.

Há registros em documentos primários, originados dos autores residentes na região de Nova Friburgo que assinalam sempre a presença das intempéries. Nada porem, tão violento quanto no ano de 2011.

Por outro lado, os indivíduos, como atores, apesar de possuírem um acervo de saberes e de cultura, de espaço, e de realidade, parecem surpreendidos diante do evento. A reciclagem cultural se impõe como fenômeno coletivo e individual que obriga a reorganizar seus valores.

A reflexão sobre a atual situação de Nova Friburgo torna-se indispensável para a construção de um futuro cultural mais sustentável diante das mudanças próprias da contemporaneidade. Para tanto, pretende-se estabelecer a relação da sociedade e sua cultura com a cidade e seus espaços, bem como a identidade da comunidade e sua construção através das interações entre os indivíduos.

Diante dessa tragédia de dimensões catastróficas, o estudo de seus impactos, tão recentes, passa a ter fundamental importância para se discutir o futuro das relações culturais.

Numa análise preliminar, podemos chegar a alguns dados que ressaltam a importância do município e demonstram clara capacidade de se reerguer e de se transformar, com possibilidade de conquistar novos patamares de desenvolvimento.

A cidade conta atualmente, de acordo com o censo 2010 (IBGE, 2011)⁴, divulgado pelo IBGE, com uma população residente de 182.082 pessoas,

⁴ IBGE. Censo 2010. **IBGE**, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br> e em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: Maio 2011.

dentre as quais 87,53%, na área urbana, e 12,47%, na área rural; conquistou a 15ª posição na relação das maiores cidades, num universo de 92 municípios, e portando contribuindo para afirmar o grande potencial de desenvolvimento na área da cultura.

Entre os homens, a faixa etária mais numerosa está compreendida entre 15 a 34 anos; já entre as mulheres está entre 20 a 49 anos, o que subentende a possibilidade e variedade de ações que podem ser pensadas e implementadas.

Considerando a vasta extensão territorial, que abrange oito diferentes distritos, sendo eles: Nova Friburgo, Riograndina, Conquista, Amparo, Lumiar, Conselheiro Paulino, São Pedro da Serra e Mury, e que exige compreensão de necessidades individuais e plurais.

As principais atividades econômicas estão relacionadas ao turismo, pelas belezas naturais, pela vegetação, pelo clima, e pela gastronomia local; a constituição de pólo industrial de moda íntima; às flores de corte; à olericultura; à caprinocultura; à hortifruticultura; além de indústrias, têxteis, de vestuário, metalúrgica, entre outras. (PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO, 2011)⁵

Uma densa e ampla rede de serviços é oferecida à população e aos visitantes. Não faltam restaurantes, bares, casas noturnas, hotéis, pousadas, sítios e fazendas. Três rodoviárias atendem a região e ampliam a conexão com os demais municípios. Há, principalmente no centro da cidade, um diversificado comércio, além de dois shoppings, o Cadima e o Friburgo Shopping.

Reconhecida também por seus atrativos naturais, montanhas, matas, rios, lagos e cachoeiras compõem um belo cenário. Há vários circuitos turísticos, com diversas atividades como caminhadas, canoagem, rapel, ciclismo, dentre outras.

Os principais atrativos arquitetônicos, urbanísticos e culturais são: a Catedral de São João Batista, Praça Getúlio Vargas, Instituto de Educação de Nova Friburgo, Centro de Arte, Colégio Nossa Senhora das Dores, Capela Santo Antônio, Nova Friburgo Country Clube, Casa do Barão de Nova Friburgo, Sanatório Naval de Nova Friburgo e Colégio Anchieta.

⁵ PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO. Prefeitura de Nova Friburgo | por uma Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.pmnf.rj.gov.br>>. Acesso em: 2011 Maio.

No campo da cultura, de acordo com informações apresentadas a partir da Conferência de Cultura da Região Serrana(CULTURA.RJ, 2011)⁶, realizada em junho de 2010, a relevância da região e conseqüentemente da cidade, é ratificada.

A cultura local traz traços herdados da época de sua colonização, tendo abrigado a primeira colônia suíça e posteriormente a primeira alemã.

O ambiente é diverso e tanto expressões tradicionais quanto contemporâneas coexistem. Há, entretanto, um receio que consiste nos riscos de desaparecimento de expressões antes tradicionais que, ao longo do tempo, se tornam cada vez mais raras.

Exemplos de expressões populares foram dados. Representantes e partícipes das Folias de Reis relataram a existência de grupos centenários. Atividades em torno do Jongo são propostas com intuito de preservação da memória local. O carnaval é incentivado com a manutenção de uma liga de escolas de samba, blocos carnavalescos e fanfarras, desfiles de fantasias realizados nos clubes sociais e, na principal avenida da cidade, a Avenida Alberto Braune, onde o público assiste os desfiles gratuitamente, em arquibancadas montadas para o evento.

Avaliaram a Música como um dos segmentos de maior importância. Nos distritos de São Pedro e Lumiar, o sanfoneiro ganha destaque. Em Conquista, as canções sertanejas animam os fins de semana. As bandas centenárias Euterpe Friburguense e Campesina são referências. E o cenário ganha estímulo com o turismo e pela realização de festivais com participação de artistas de prestígio nacional e internacional. Músicos locais, entretanto, apontam como um problema a falta de espaço para o desenvolvimento dos profissionais locais. Mesmo assim, existem alguns movimentos musicais tradicionais, como os relativos à existência de corais vocais de grande qualidade, entre eles, o Coral Canto Musarte. A influência de artistas de renome nacional, como Benito de Paula, Egberto Gismonte e Victor Ludolf,

⁶ CULTURA.RJ. PLANO NACIONAL DE CULTURA - Notas de um diagnóstico preliminar: A Cultura na Região Serrana. **Cultura.rj**, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/downloads-projeto/plano-estadual-de-cultura>>. Acesso em: Maio 2011.

incentiva os jovens a enveredar no universo musical e, até algumas pequenas bandas de MPB e Rock, além de grupos de pagode buscam espaço no meio artístico.

O Teatro vem na sequência, por sua influência. O Grupo Gama e O Grupo de Arte Movimento e Ação estão em atividade há cerca de 40 anos; o Grupo de Artes Theatro Dona Eugênia, há 26 anos e o Teatro Expressão há mais de 30 anos. Da mesma forma, espelham-se no sucesso de artistas nativos, como os irmãos Farias – Roberto (diretor de cinema) e Reginaldo (ator), Jaime Periard, Daniela Santi, que desfrutam de relevo artístico em âmbito nacional.

As dificuldades apontadas são reflexos do novo modelo de produção cultural que exige tempo, qualificação, busca por financiamentos e continuidade no processo de desenvolvimento artístico.

Outros segmentos artísticos, como literatura, dança, audiovisual, patrimônio Material e Artes Visuais, não foram tão expressivos. Ainda que haja destaques, como o trabalho de trovadores, poetas e escritores locais que ressaltam a importância da prática e das atividades literárias. Há um grupo denominado Os Trovadores que tem mais de 50 anos de existência e vem oferecendo alguns cursos. Merece atenção também a Academia Friburguense de Letras e a existência da Secretaria Municipal Pró-Leitura.

E, a partir dessa rápida análise do cenário cultural da Cidade é que se pedem mais estudos a fim de se delinear um futuro, traçar um caminho, nortear ações, além de esperar melhorias e avanços significativos em busca da conquista de uma identidade própria.

Para atingir esse resultado, o primeiro capítulo contará com uma breve apresentação, situando histórica e geograficamente a cidade, com indicação sobre as consequências da catástrofe e, uma breve proposta de reflexão sobre o conteúdo a ser apresentado.

Já no segundo, será apresentado um resumo da história da cidade desde a sua fundação até os dias de hoje com o intuito de entender os resultados dessa trajetória.

O terceiro, então, propõe-se a compreender as relações que se estabelecem entre os indivíduos e o território em que vivem, e em caso especial as interações que os habitantes de Friburgo possuem com seu habitat.

O quarto capítulo explica a tragédia e expõe exemplos históricos de desastres ocorridos em outras cidades do mundo e de suas transformações após o impacto causado, e procura entender como as identidades culturais foram construídas e estabelecidas.

Nosso suporte metodológico se propõe a trabalhar com uma literatura que dê conta, primeiro de entender a história da cidade. Como se trata da análise de um município cuja história é bastante peculiar, recorreremos à documentação específica através da Fundação D. João VI de Nova Friburgo e seus acervos que contribuiu e muito para a organização de documentos relacionados à cidade.

Para entender a relação das questões do espaço, adotamos a famosa obra Topofilia, de Yi-Fu Tuan. Consideramos, então, também muito importante empregar a definição de espaço de Manuel Castells.

A fim de embasarmos as relações de afinidade entre o indivíduo e o território, propostas inclusive na obra de Tuan, abordamos alguns autores ligados as temáticas da filosofia e da psicanálise.

As questões culturais, ligadas a identidade, tiveram íntima relação com uma obra de referência fundamental, o Dicionário de Políticas culturais, de Teixeira Coelho.

Compreender, assimilar e ratificar o fenômeno e o impacto do cataclismo, que alterou espaços da cidade e a obrigou a recondicionar seus conceitos e usos, tornou-se mister para ressignificar as ações em prol da sustentabilidade na reconstrução dessa sociedade.

Finalmente desejamos incluir um conjunto de imagens comparativas entre o antes e o depois da tragédia, exatamente porque são importantes para um produtor cultural, afim de melhor compreender o espaço, e permitem outra leitura de nossa realidade afinal não se pode esquecer de que estamos em um curso e em uma era em que a imagem tem papel destacado.

Capítulo 2. Nova Friburgo, história e cultura. Uma Trajetória.

No cimo da montanha, em seu ninho florido, -
eis Friburgo! – um “jardim suspenso”, no alto erguido,
paragem de beleza infinita e de calma, onde respira o
corpo, e onde repousa a alma. Cidade cujo nome é um
símbolo e um troféu, “parada” de um caminho... a
caminho do céu!

Do poema “Canto a Friburgo
(ARAÚJO JORGE, J.G. de apud CÚRIO 1974)⁷

Se o poeta tivesse testemunhado a natureza em fúria, certamente escreveria outro poema. Os colonos que lá chegaram eram tangidos por turbulências históricas e sociais, mas, uma vez na terra, tinham que lidar com o ambiente. Descrever uma parte de sua história pode nos permitir entender o porquê.

Sobre a história da cidade, a Fundação D. João VI de Nova Friburgo, contribuiu e muito para a organização de documentos relacionados à cidade. Os envolvidos criaram o Centro de Documentação D. João VI - Pró Memória de Nova Friburgo, que constituiu importante acervo e que se tornou fundamental para essa pesquisa. (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2011)⁸

A colonização de Nova Friburgo tem suas causas datadas a partir da Revolução Francesa (1789), passando pela grave crise financeira que assolava a França, pelo período Napoleônico (1799 – 1815), pelos efeitos do Bloqueio Continental (1806), pelas relações de dependência entre Portugal e Inglaterra, e pela transferência da corte portuguesa ao Brasil (1808). Ou seja, ela é produto das tensões desse período da história, imbricada em parte com a revolução industrial na Europa, a crise do Antigo Sistema Colonial e o surgimento das nações americanas, derivadas dos movimentos de libertação.

⁷ CÚRIO, P. **Como Surgiu Nova Friburgo**. [S.l.]: Sedegra, 1974.

⁸ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI. Centro de Documentação D. João VI - Pró-Memória de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.djoaovi.com.br>>. Acesso em: Maio 2011.

Foi em janeiro de 1808 que o rei português D. João VI chegou ao Brasil. O país deixou de ser colônia e passou a ser a sede do governo português. No entanto, ao chegar, D. João VI encontrou uma colônia, ligada a exploração de produtos primários, sem classes médias, gerida por um sistema de monopólios, sem acesso cultural ao que se fazia no mundo. Havia a intenção de se alterar esse quadro, inclusive eliminando progressivamente a escravidão.

A colonização parecia se impor como a solução mais abrangente. Segundo Viotti da Costa, “os objetivos dessa política eram, sobretudo demográficos” necessários a ocupação do país. Por outro lado, a mesma autora explica que:

Recorreu-se, nos meados do século XIX, à colonização estrangeira, sob o sistema de parceria. Pretendia-se, dessa maneira, conciliar fórmulas usadas nos núcleos coloniais de povoamento, com as necessidades do latifúndio cafeeiro. (VIOTTI, 1987, p. 162)⁹.

E a diáspora africana cederia lugar a uma importação de trabalhadores livres, brancos e europeus. Esse projeto, apenas em esboço requeria transformar profundamente o país (MACHADO e NEVES, 1999, p. 30)¹⁰. Para estes autores o contexto se alterou:

Para o império português, no entanto, a abertura dos portos implicou numa profunda modificação - com o fim do monopólio comercial pela metrópole - inspirada em ultrapassadas concepções mercantilistas, e que definia a situação colonial do Brasil (idem, p. 35).

Enquanto isso na Europa e na América do Norte, intensas mudanças se revelavam. Se a França foi a pretensa pátria da revolução política, a Inglaterra

⁹ VIOTTI, E. D. C. **Da Monarquia à República – Momentos Decisivos**. 5. ed. ed. São Paulo: [s.n.], 1987.

¹⁰ MACHADO, H. F.; NEVES, L. M. B. P. D. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

foi o berço da Revolução Industrial. Na verdade essa simplificação não esconde a evidência de que em muitos países, inclusive na França, se descortinava uma revolução industrial. Ela trouxe profundas consequências. A industrialização propiciava aumento de produção, mas contribuía com o desemprego e com os embargos protecionistas. Em seguida, a revolução industrial disseminou-se pelo mundo todo (HOBBSAWM, 1979, p. 19)¹¹.

A Suíça estava na lista dos países que sofreram com essas conseqüências. Segundo Hobsbawm, a “revolução da propriedade de terras foi o aspecto político do rompimento da tradicional sociedade agrária; sua invasão pela nova economia rural pelo mercado mundial, o aspecto econômico” (Hobsbawm, 1979, p.183). Os Suíços também enfrentavam condições climáticas desfavoráveis ao plantio, o que ocasionou terrível fome em 1817, empurrando as populações para a imigração(TSCHUDI, 1980, p. 95)¹². A massa trabalhadora estava diante de uma crise de alimentos, sem esquecermos que nesse recorte, segundo o mesmo autor, a “maioria da população mundial era, então, composta majoritariamente por camponeses” (Idem, 187). Milhares de suíços tiveram que deixar sua terra natal, fosse pela crise industrial e comercial (1816), fosse pela fome e pela miséria (1817), e partir em busca de melhores condições de sobrevivência.

É ainda Hobsbawm que esclarece ter sido esse o “desenraizamento dos povos”, que ajudaria a destruir o mundo tradicional. No caso da Suíça, esse contingente não foi muito expressivo, até porque, o autor ainda ressalta que “até a década de 1820, quase ninguém ainda migrava ou emigrava, exceto quando forçado pelos exércitos e a fome” (HOBBSAWM, 1979, p. 156).

Foi Sébastien-Nicolas Gachet, conhecido como "Cidadão de Gruyères" que intermediou com o governo brasileiro a migração dos Suíços. Ele recebeu, em 5 de maio de 1817, da prefeitura de Gruyères, um passaporte para o Brasil. Um documento oficial resumia seus objetivos:

¹¹ HOBBSAWM, E. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

¹² TSCHUDI, J. J. V. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. Introdução de Afonso de E. Taunay.

NÓS, O MAGISTRADO e o CONSELHO DE ESTADO da Cidade e República de Fribourg, fazemos saber: Que estando informados da intenção do Senhor Sébastien Nicolas Gachet de Gruyères, de ir estabelecer-se no Brasil para lá formar um estabelecimento agrícola, e conhecendo sua competência assim como sua dedicação ao bem e ao progresso de seus concidadãos, nós o encarregamos de efetuar na Corte do Rio de Janeiro os contatos necessários para saber se S.M.F. estaria disposta a facilitar o estabelecimento de novos colonos suíços em seus Estados, quais ajudas lhes seriam concedidas para empreenderem tão longa viagem e que vantagens poderiam esperar ao chegarem ao destino. Convidamos o Senhor Gachet a nos remeter as informações pertinentes que puder obter a esse respeito, a fim de lhe enviarmos instruções mais pormenorizadas. Em nome do que, entregamos ao Sr. S. N. Gachet a presente Carta Patente, para que dela faça uso.

Fribourg, 23 de maio de 1817.

O Magistrado em função (Techtermann)

O Secretário de Estado (Appenthel)

(CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI, 2011)¹³

D. João VI decretou, em 16 de maio de 1818, a fundação de uma colônia suíça na fazenda de Morro Queimado, mais tarde cidade de Nova Friburgo. O rei nomeia Monsenhor Miranda como Inspetor e Administrador da colônia, já com a incumbência de comprar a fazenda, considerada ideal para afixar os suíços, localizada ao norte da Baía de Guanabara, a uma altitude de 846m acima do nível do mar, na vertente norte da cadeia da Serra do Mar. Após a aquisição das terras, iniciaram os preparativos para receber os colonos, entre obras, construções e benfeitorias.

No dia 4 de julho de 1819 saiu o primeiro comboio de suíços em direção ao Brasil. Ao todo foram cerca de 2.000 suíços, de diferentes regiões, e principalmente da cidade de Fribourg, a embarcar para o país que eles mesmos descreviam como o “Eldorado”. A viagem foi longa e cheia de

¹³ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI. Centro de Documentação D. João VI - Pró-Memória de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.djoaovi.com.br>>. Acesso em: Maio 2011.

contratempos. Foram registradas 43 mortes ainda na Europa, 311 no oceano e 35 no Vale do Macacu, além de 14 nascimentos.

Finalmente em novembro do mesmo ano chegaram os primeiros suíços. Contudo a região estava longe de ser um paraíso. A situação era bem precária. Os colonos ao chegarem, se depararam com um número insuficiente de moradias, o governo havia preparado apenas cem pequenas casas - fazia parte do decreto, o abrigo de cem famílias - o que levou a abrigarem em cada casa, até 20 pessoas, criando a chamada "família artificial". Mas a esperança por dias melhores ainda existia.

Somente em 4 de março de 1820 chegou Monsenhor Miranda, impondo medidas administrativas rígidas e serviços obrigatórios para todos. Depois de organizadas as famílias, começaram a preparar a terra para o plantio, e as obras públicas necessárias. No dia 17 de março de 1820, foi realizada a cerimônia de inauguração da vila com grande festa. Nova Friburgo passa a ser um município. Mas as condições ainda estavam longe de serem consideradas dignas.

Inexistiam atividades que rendessem a sobrevivência dos colonos. A questão da agricultura devia ser tratada com urgência e o desenvolvimento dessa prática, uma necessidade extrema, já que o governo brasileiro não proveu condições para todos e não proveria por muito mais tempo. Foram realizadas então, algumas conferências com intuito de discutir, informar e nortear as ações. O período foi marcado por grandes dificuldades, análise dos solos e de culturas possíveis, sorteios de lotes, reconhecimentos de terras e marcação de propriedades. A agricultura do café estava se tornando, então, cada vez mais atraente e era preciso encontrar algumas medidas para expandir a ocupação do território.

Uma avaliação realizada pelo célebre cônsul da Confederação Helvética por volta de 1860-1865, no Império, o Dr. Tschudi, demonstra uma visão mundializada. Sua obra "Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo", é um intenso relato pormenorizado da presença dos nacionais suíços nessas regiões. Ele advogava a agricultura cafeeira como economicamente vantajosa. Deu-se conta em Nova Friburgo dos males causados no ambiente e pelo desmatamento desenfreado. Vale a pena citá-lo:

Nova Friburgo estende-se numa ampla bacia, emoldurada por montanhas cobertas de densa vegetação e a leste da cidade há alguns cumes estéreis e desnudos, rochosos, apontados para o céu. Diz a tradição que à queimada de uma nova roça, depois de prolongada estiagem, o fogo se alastrou de modo imprevisto, indo atingir as árvores desses rochedos. Em seguida vieram fortes chuvas, que levaram a terra que os recobria e desde então assim ficaram, despídos. Daí o nome de morro queimado dado à região. (TSCHUDI, 1980, p. 90).¹⁴

A primeira festa do padroeiro, São João Batista, ocorreu no dia 23 de junho. Nessa data também foram anunciadas decisões do rei com objetivo de garantir o desenvolvimento daquela região. Alguns incentivos foram concedidos para o desenvolvimento de atividades comerciais, industriais, urbanísticas e sociais. Aos poucos foram configurando uma cidade, com praça, escola e hospital.

Segundo ainda o cônsul Tschudi, a cidade levava enorme vantagem sobre a concorrida Petrópolis, uma vez que:

As hospedarias de Nova Friburgo superam em tudo as de Petrópolis, merecendo o hotel do Sr. Leuenroth menção honrosa (...). Devo ainda mencionar as hospedarias de Mme. Claire, G. M. Salusse e Francisco José de Magalhães (idem, p. 93).

A realidade de incertezas, preocupações, mortes, fome e desgraças era uma constante. As condições de habitação, como superpovoamento, alimentação precária, águas de qualidade duvidosa contribuíam com as estatísticas. O fracasso das primeiras colheitas, devido principalmente as intempéries, contribuía com o retardo do processo de crescimento da colônia. Além de prejudicar a colheita, o mal tempo causava destruição. A situação era ainda mais crítica: alagamentos, enchentes, destruição de ruas, pontes, casas,

¹⁴ TSCHUDI, J. J. V. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. Introdução de Afonso de E. Taunay.

árvores, plantas e animais. A insatisfação gerava violência e criminalidade. É interessante detectar a extrema dependência desta terra, e desta região para com as condições climáticas e a carência de medidas protetoras.

A situação política do Brasil em 1821 se complicava ante as vésperas da independência. Se antes, o governo brasileiro não dava conta de gerenciar a colonização, nesse contexto, o descaso deixou marcas profundas. Muitos buscavam solução na busca por novas terras. Os suíços, residentes na cidade do Rio de Janeiro, ficaram tocados com a situação de seus conterrâneos e criaram a Sociedade Filantrópica Suíça do Rio de Janeiro a fim de oferecer acesso a saúde, educação e melhorias na qualidade de vida de seus conterrâneos.

Mas, mesmo com essa iniciativa, foi inevitável a falência da colônia e, os suíços se espalham pelo Estado, só ficaram na região aqueles que não tinham condições de seguir para outro local. Alguns foram em direção ao Vale do Rio Paraíba, na busca de melhores terras e clima mais quente. Os principais destinos escolhidos foram: Duas Barras, Cordeiro, Cantagalo, Bom Jardim, São Sebastião do Alto, São Fidélis, Sumidouro, Carmo, entre outros.

A retomada do crescimento só se dará em fins de agosto de 1821, quando o príncipe regente concede subsídios e oficialmente autoriza a busca por novas terras. Os tempos de colheita são melhores e são iniciados projetos de reconstrução. Em dezembro do ano seguinte o progresso é nítido.

A vinda dos suíços foi o primeiro movimento organizado de não-portugueses para o Brasil, o que abriu precedentes para a vinda de outros grupos de diferentes nacionalidades. No ano de 1824, chegaram à Nova Friburgo os imigrantes alemães. Nova Friburgo estava consolidada. Posteriormente a cidade recebeu italianos, espanhóis, húngaros, austríacos, libaneses e japoneses. E, inclusive brasileiros de posse e cultura, como o cônsul Tschudi deixa a entender, principalmente em virtude das...

(...) vantagens climáticas desse delicioso vale (que) atraem anualmente grande numero de veranistas desejosos de fugir ao calor sufocante da metrópole. Eu, homem simples, daria preferência a nova Friburgo antes de Petrópolis, no mínimo para evitar a descomunal falta de higiene da maioria das

hospedarias de tão predileto local de veraneio (ibidem, p. 92).

Com o passar dos anos, as famílias que se fixaram em solo Friburguense tornam-se grandes proprietárias de terras. Algumas dessas famílias são: Monnerat, Wermelinger, Lutterbach, Heggendorf, Tardin, Thurler, Schuenck, Schumacker e Stutz. A influência desse período pode ser percebida até hoje, na arquitetura e em alguns hábitos e costumes locais. Muito embora, assinala Tschudi, os brasileiros tivessem mão forte na política local, “dada à ativa vigilância dos brasileiros e o exaltado e o zeloso sentimento de nativismo” (ibidem, p. 93).

A partir de 1831, a gestão da colônia passou a ficar a cargo da Câmara da Vila. Até que em 8 de janeiro de 1890, Nova Friburgo foi elevada a categoria de cidade.

O progresso torna-se evidente, favorecido pela implantação de indústrias, pelas atratividades turísticas dadas pelas belezas naturais, pela configuração como região montanhosa, pelo clima privilegiado, pela gastronomia, entre outros.

Como na época imperial, a agricultura era fator econômico de destaque, a grande atividade que movia a cidade era o cultivo de produtos básicos, como o milho, o feijão e o café, além de hortaliças para o consumo local (CÚRIO, 1974)¹⁵. O café ainda é produzido na região, apesar de ter perdido muito de sua importância na participação da economia.

Com uma hidrografia privilegiada, atualmente Nova Friburgo é um dos principais produtores de hortifruticultura do estado do Rio de Janeiro, sendo considerado o maior produtor de couve-flor do País, além de ser forte exportador de caqui. Também a floricultura se consolidou em importante produtora de renda e de empregos.

A partir de 1910, houve um enorme avanço para a cidade e, conseqüentemente, para a região, pois indústrias se estabeleceram na cidade e, com elas, a energia elétrica, o sistema de transporte, o comércio e a

¹⁵ CÚRIO, P. **Como Surgiu Nova Friburgo**. [S.l.]: Sedegra, 1974.

construção civil. Promoveram por conseqüência, um processo de urbanização desordenada.

No princípio foi a indústria têxtil, seguida pela indústria de beneficiamento de matéria prima – como o couro, por exemplo - e, a partir da década de 40, a indústria metal-mecânica, que se firmou como importante geradora de empregos e renda. Mas, este parque industrial experimentou também maus momentos econômicos e, ao final dos 60, surge um novo segmento do ramo têxtil, que é hoje muito importante para a economia do município e da região serrana – a indústria da moda íntima.

Também é importante salientar que Nova Friburgo passou a oferecer desde a época imperial, variada gama de opções diretamente ligadas ao lazer e ao turismo – tendo a tradicional e rica família Guinle escolhido a cidade para construir uma chácara e uma casa de caça, a fim de repousarem e desfrutarem do clima ameno e das belezas naturais, durante as férias de verão.

Estas belezas naturais – rios, cachoeiras, picos de montanhas para passeios, trilhas ou escaladas, entre outros – e o seu clima, de início, chamaram a atenção de pessoas em fase de recuperação de problemas de saúde e, posteriormente de repouso, o que proporcionou a criação de uma estrutura de hospedagem e rica e variada gastronomia, criando assim, uma tradição que ainda hoje é forte referência para o segmento.

No que tange à organização sócio-política e econômica, a cidade sempre sofreu com influências políticas voltadas ao âmbito mercadológico, deixando em segundo plano os aspectos territoriais, ambientais e de infraestrutura urbana e rural.

Os fatores climáticos sempre influenciaram o cotidiano da cidade e, desde há muito, este sofre com chuvas, enchentes e desabamentos. No histórico foi visto que já no primeiro ano do processo de colonização, Nova Friburgo se mostrava frágil às intempéries e, no decorrer dos anos seguintes, até os dias atuais, essa é uma realidade com que a população local convive.

Com o crescimento da economia de Nova Friburgo, sua população cresceu através da migração de pessoas à procura por oportunidades profissionais, estas vindas das pequenas cidades circunvizinhas, como Santa Maria Magdalena, São Sebastião do Alto, Duas Barras, Bom Jardim, Sumidouro, Carmo. Este inchaço populacional não foi assistido pelo poder

público e, aos poucos, os morros foram ocupados sem organização e urbanização, o que gerou problemas de infra-estrutura ainda hoje não solucionados.

Como resultado de ocupações irregulares, ausência de um plano piloto urbano, descaso do poder público, aliados a um relevo acidentado, a um clima volúvel e a um constante desmatamento, Nova Friburgo tem um triste histórico de desastres climáticos de dramáticas conseqüências. Assim foram – para citar as mais recentes – as tragédias de 1941, 1967, 1975, 1981, 1988, 1996, 2008 e, a mais grave, de janeiro de 2011, com mais de quatrocentos mortos e cerca de seis mil desabrigados e/ ou desalojados. Sobre essa última:

É fato que sofremos uma das maiores catástrofes naturais da história do Brasil, com o registro de uma precipitação que ultrapassou 300 milímetros em menos de 20 horas e uma forte tempestade eletromagnética, que causaram inundações e mais de dois mil deslizamentos. (SANTANA e FILHO)¹⁶

Também sofreu o turismo e a cultura de entretenimento, com a interrupção de atividades de alguns dos principais atrativos, como o teleférico, situado à Praça do Suspiro – também seriamente atingida; a Igreja de Santo Antônio – situada na mesma praça, assim como o Teatro Municipal e o seu anfiteatro; ruas de vários bairros aguardam obras, o mesmo ocorrendo com diversas encostas e vários trechos de margem dos rios Santo Antônio, Bengalas e Cônego.

Com a gravidade deste último desastre climático, podemos afirmar que a história da cidade de Nova Friburgo será dividida em antes e depois de 2011.

E, para essa nova etapa, a população tem se mobilizado a cobrar das autoridades, uma reconstrução sustentável, pautada em conceitos de tecnologia ecologicamente adequada a um desenvolvimento sustentável, de baixo custo de manutenção e, que possa ser resistente às futuras intempéries, isentando a cidade de novas tragédias, principalmente em perdas humanas.

¹⁶ SANTANA, M. C. D.; FILHO, S. C. S. Práticas de Geografia. **Publicação anual do curso de geografia – licenciatura plena – Faculdade Santa Dorotéia.**

Criou-se, após a tragédia, o CODENF¹⁷ – Conselho de Desenvolvimento de Nova Friburgo – com o objetivo de unir a população e o empresariado local em busca das soluções que poderão fazer de Nova Friburgo um exemplo de reconstrução de uma cidade, em todas as suas vertentes, seja de infraestrutura, de cultura, de segurança, de ecologia, etc.

A maior preocupação do CODENF e da população, contudo, é a crise política por que passa a cidade, com trocas de prefeitos, suspeitas de desvios de verbas, processos e acusações entre políticos, alguns casos de nítida incompetência, que podem e devem causar atrasos nos planos de reconstrução.

¹⁷ CODENF. CODENF - Conselho de Desenvolvimento de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.codenf.com.br/>>. Acesso em: Maio 2011.

Capítulo 3. O Indivíduo e o Território

Compreender a evolução do indivíduo, como ocorre a dissociação entre o sujeito e o outro, ou seja, do seu mundo interior do seu exterior, além das relações que mantêm uns com os outros para se consolidar uma família, uma comunidade e uma sociedade, torna-se o elemento preliminar para o estudo identitário.

Sigmund Freud (FREUD, 2010, p. 46)¹⁸ afirma que a distinção do eu e do mundo exterior é um processo gradativo e potencializado a partir de diversos estímulos. Um recém-nascido, segundo ele, não possui capacidade de fazer tal separação, e só passa a fazê-la quando, por exemplo, uma fonte de estímulo lhe é subtraída. A falta do seio materno é o mais marcante.

Ao sentir essa falta, percebe que existe o eu e o exterior, algo fora de si. Caminha, então, e ainda segundo o autor, para as noções que chama de “princípio do prazer” - quando só o que propicia o prazer é desejado - para as do “princípio da realidade” - quando a necessidade, e não o desejo, fala mais alto - que permearão o resto de sua vida.

Fato é que mesmo que o ser humano faça essa separação dos mundos, interior e exterior, o autor compreende que ele mantém uma íntima ligação do seu eu com o ambiente, afirmando que na vida psíquica “a conservação do passado é antes a regra, do que uma exceção extraordinária”.

Iniciam-se então as relações. O ser passa a relacionar-se com o outro e com o ambiente que o cerca. Essa interação é uma exigência da natureza humana. O homem precisa dos seus semelhantes para sobreviver, propagar-se, perpetuar sua espécie e também para compreender-se como indivíduo. Aristóteles (apud OLIVEIRA, 1997) afirmava: “O homem é por natureza um animal social”¹⁹.

Foucault (FOUCAULT, 2005, p. 10)²⁰ em sua análise sobre a formação dos domínios do saber a partir das práticas sociais, acreditava que: o “sujeito se constitui no interior, mesmo da história, e que é a cada instante fundado e

¹⁸ FREUD, S. **O Mal-estar na cultura**. [S.l.]: L&pm, 2010.

¹⁹ OLIVEIRA, P. S. D. **Introdução à Sociologia**. 18. ed. ed. São Paulo: Ática, 1997.

²⁰ FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.

refundado pela história”. Ou seja, ele reafirma que o sujeito é fruto dessas práticas sociais e que a partir delas surgem “novos sujeitos”.

Sobre a produção dos saberes Nietzsche (apud FOUCAULT, 2005.)²¹ tem a dizer que: “o conhecimento é uma invenção”, que simplesmente não existe, que apenas o é dado a partir das relações, seja entre sujeito e objeto, seja entre os sujeitos. Que o conhecimento é “uma centelha entre duas espadas”, não necessariamente, feitas do mesmo material.

Georges Bataille (apud RIVERA, 2009.)²², parece completar o raciocínio, anunciando a existência de outro, ou até mesmo de outros, em si, com a frase: “o que eu penso, não o pensei sozinho”.

Claro, que todas essas relações, essas tramas sociais, se realizam em determinado local. Seja ele mesmo uma casa, uma vila, uma rua, um bairro, uma cidade e assim por diante.

Justamente na cidade, que se forma uma densa e ampla rede de conexões e interdependências entre as pessoas. Trata-se de um local físico propriamente dito que condensa espaços públicos e privados. Palco das ações, dos feitos, dos acontecimentos sociais e por sua vez, da Cultura.

E, nesse sentido, entende-se que não se estabelecem apenas estruturas físicas, mas também dimensões simbólicas. O caráter subjetivo está relacionado principalmente com as experiências, com as tensões, com as lembranças e com a memória.

Cada ser interpreta a cidade ao seu modo e estabelece relações próprias com o ambiente. O autor Yi-Fu Tuan afirma esse caráter particular e individual com as frases: “duas pessoas não lêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente” e exemplifica ao mencionar que três poetas americanos apresentam imagens incompatíveis da cidade de Chicago em suas obras (TUAN, 1980).²³

São as relações afetivas que os indivíduos estabelecem com esse ambiente que fazem nascer a tão mencionada identidade cultural.

²¹ FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.

²² RIVERA, T.; OITICICA, H. A Criação e o Comum. **Revista Viso**, 2009. Disponível em: <www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_7_TaniaRivera.pdf>. Acesso em: Abril 2011.

²³ TUAN, Y.-F. **Topofilia – Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

Para Castells, espaço, segundo a teoria social, “seria o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado”, e ainda, para ele, o suporte material “tem sempre sentido simbólico” (CASTELLS, 2005)²⁴. O espaço de Nova Friburgo, assim poderia ser considerado o lugar onde as pessoas vivem e tem suas experiências pessoais. Como o “espaço é a expressão da sociedade”, a fragmentação do primeiro com a catástrofe das chuvas, podem conduzir a uma crise ou a uma ruptura social que, talvez, a cultura, esteja em condições de minimizar. Diante deste fato e, sendo a cultura uma construção social realizada por indivíduos, a crise do indivíduo resultante da destruição de espaços em Nova Friburgo, pode apontar para uma crise do social perpassada através de uma crise do espaço.

Seria importante, portanto, e de modo a ratificar a evolução desse texto até o momento, citar o conceito de “Identidade Cultural” proposto por Teixeira Coelho:

O Conceito de identidade cultural, noção chave em muitas políticas culturais, aponta para um sistema de representação (elementos de simbolização e procedimentos de encenação desses elementos) das relações entre os indivíduos e os grupos e entre esses e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. (COELHO, 2004)²⁵

Finalizada a trajetória proposta para a compreensão do indivíduo, das relações que mantêm e dos elementos identitários constituintes, far-se-á a retomada ao objeto pretendido desse estudo, a Cidade de Nova Friburgo, apontando como recorte o efeito causado pela tragédia.

A então pacata cidade, circundada por montanhas, de clima ameno e ambiente acolhedor, viveu seus piores dias em janeiro de 2011. A violenta força das águas das chuvas arrastou pessoas, casas, carros, e o que mais havia pela frente. Sem dúvida, uma catástrofe que destruiu estruturas físicas e também suas representações simbólicas. A cidade viveu um luto sem precedentes.

²⁴ CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. II, 2005. In: A era da informação: economia, sociedade e cultura.

²⁵ COELHO, T. **Dicionário Crítico de Políticas Culturais. Identidade Cultural**. São Paulo: [s.n.], 2004.

A seguinte frase de Blanchot (1983)²⁶ deixa clara a finitude intrínseca da existência humana: “Não haveria comunidade se não fosse comum o evento primeiro e último (nascimento e morte) que, para cada um, cessa de ser comum”. Bataille (apud BLANCHOT, 1983) já havia escrito: “O destino de um grande número de vidas é a pequenez”.

Blanchot, por outro lado, compreende que mesmo que ocorra uma morte, a comunidade continua. Essa talvez, infinitude que movimenta a vida. Nova Friburgo, embora destruída, embora em luto, sobrevive, continua, persiste.

Foi no luto que a comunidade se solidarizou, e de certo modo se reafirmou. A cidade recebeu ajuda material, financeira, além de apoio voluntário. Foram várias as iniciativas, tanto nacionais quanto internacionais, para que a reconstrução da cidade fosse possível.

No entanto, parece ter havido nessa solidariedade uma morte prevista. Citando Freud (1986)²⁷, mais uma vez: “O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo”.

Não que se faça necessário a continuidade do luto, mas nesse caso, e diante do tão recente acontecido, apenas destinar esse luto ao esquecimento não será uma boa estratégia. Apropriar-se do luto para transformar a cidade, sim, apontaria para um futuro de prosperidade social e cultural.

Fazendo uma apropriação de outra citação de Freud (1986)²⁸, seguida por uma adaptação de sentido: “Reconstruiremos tudo o que a tragédia destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes.”

Nesse processo cultural qual seria o papel do artista, do intelectual? O agente cultural pode ser absorvido pela idéia apontada por Teixeira Coelho em relação à dinâmica cultural contemporânea. A ação deste agente cultural em Nova Friburgo destruída poderá levar a concretizar medidas que “efetivem uma retomada das condições do sistema de produção cultural, de maneira a

²⁶ BLANCHOT, M. **A Comunidade Inconfessável**. [S.l.]: [s.n.], 1983.

²⁷ FREUD, S. **Sobre a Transitoriedade (1915)**, **Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

²⁸ Idem, 1915. Frase original: “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes.”

minimizar, recompor e ressimbolizar os valores abalados ou destruídos pela tragédia”.

Capítulo 4. Estratégias de superação de desastres ambientais e construção de identidade

A estação das chuvas chegou cedo e com intensidade incomum. Durante os últimos dias de outubro, choveu sem parar. Choveu diariamente. Se estiava, era por algumas horas, ou no máximo, por um dia. Depois voltava a roncar trovoadas, à tarde ou à noite, e caía uma verdadeira tempestade de pequena duração, seguindo-se uma chuva manhosa que persistia, até, por dias seguidos.

A Terra ficou empapada. A situação era tal, que as águas não absorvidas corriam por sobre o solo desprotegido pelo desmatamento, arrastando o pouco de terra vegetal que cobria (...).

Entrou mês de novembro, e saiu mês de novembro. Entrou dezembro, e não houve mudança no tempo, era chuva e mais chuva. O milho das roças crescia amarelecido; suas canas eram finas e frágeis. “Aquilo fez com que os suíços se lembrassem da primavera de 1816, quando ainda estavam na Europa. (JACCOUD, 2007)²⁹

Vamos entender o que aconteceu? O programa Fantástico, da Rede Globo, exibiu no domingo, 16 de janeiro de 2011, uma importante reportagem sobre o caso (FANTÁSTICO, 2011)³⁰. A apresentadora, Renata Ceribelli, inicia a matéria com a seguinte pergunta: “Qual a explicação para essa natureza em fúria, para essa destruição que se repete todos os anos?”

A reportagem aborda dois momentos em que as chuvas se tornaram vilãs na Região Serrana, em 1981 e trinta anos depois, em 2011. (Embora, tenhamos, aqui, visto que essa história já tem quase seus duzentos anos...). E procura explicar tanto o fenômeno climático quanto físico dessa tragédia, propondo-se a realizar uma simulação em laboratório dos deslizamentos.

A matéria crítica e com base em palavras de especialistas demonstrou que as chuvas nada têm de vilãs. O meteorologista, Olívio Bahia, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) deixa claro que: “As chuvas tão

²⁹ JACCOUD, R. L. D. S. **Histórias, contos e lendas da velha Nova Friburgo**. [S.l.]: Ed. Independente, 2007.

³⁰ FANTÁSTICO. Fantástico simula em laboratório deslizamento de terra. **Fantástico**, 2011. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,MUL1641934-15605,00.html>>. Acesso em: Maio 2011.

dentro, se a gente olhar o comportamento dentro do mês, elas tão dentro do normal, dentro da média para o período de janeiro”.

Ou seja, a matéria também desmistifica qualquer impressão errônea a respeito das chuvas, do volume, da quantidade e até mesmo de sua intensidade. O instituto ainda explica o fenômeno:

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), as tempestades que castigaram a região de Teresópolis, Nova Friburgo e Petrópolis fazem parte de um fenômeno que acontece todos os verões. É a chamada zona de convergência do Atlântico Sul. A zona de convergência carrega um corredor de umidade desde o sul da Amazônia até o Sudeste, onde as áreas montanhosas favorecem os temporais.

O meteorologista, em questão, ainda completa:

A Região Serrana, ela tem a característica de fazer com que o ar que está mais embaixo suba pelas suas paredes, com isso as nuvens se desenvolvem provocando ainda mais chuva.

Mais uma vez, o evento é nosso velho conhecido. As mortes, o descaso, os danos, esses, sim, não poderiam ser recorrentes. Vinícius Mendes, geólogo do laboratório de sedimentologia da USP, convidado a participar da gravação e a montar a experiência afirmou:

O deslizamento, ele ocorre, a gente sabe os fatores. O absurdo é que pessoas morram com isso, porque são fatores que a gente conhece. Não é um terremoto, não é um furacão, não é uma coisa difícil de prever. O ideal é não ocupar. Se já está ocupado, remanejar, se não consegue remanejar, monitorar. Choveu a partir de um limite que eles sabem que começa a ficar perigoso, dá um alarme: ‘Vamos evacuar’.

Quando um desastre dessa proporção atinge uma cidade como Nova Friburgo, além dos prejuízos materiais e das irreparáveis perdas de vidas humanas, devemos também contabilizar o impacto destrutivo ou, no mínimo, modificador, na cultura. As chuvas de janeiro de 2011 não somente modificaram a paisagem do município e arredores, mas também danificaram ou destruíram importantes ícones da cultura local.

Um das imagens mais emblemáticas do evento das chuvas, repetida por diversos noticiários de TV e publicada em jornais e revistas, foi a enxurrada que desceu o morro por onde passava o famoso teleférico e soterrou

parcialmente a Praça do Suspiro. Nessa mesma praça, a Capela de Santo Antônio foi invadida pela lama, e o Teatro Municipal de Nova Friburgo também foi atingido e o anfiteatro ficou permanentemente inutilizável

Sofreram também outros locais fortemente conectados com a cultura local. O Sesc teve seu teatro destruído, e hoje as peças são representadas na quadra do ginásio, ou em parcerias como é o caso com o Nova Friburgo Country Club, ou com o Teatro Municipal da cidade. Chegou-se a cogitar a demolição das instalações da pousada, mas a reconstrução foi viabilizada e, atualmente já está em funcionamento.

O Nova Friburgo Country Club se estabeleceu na cidade em um terreno que já pertenceu à família do Barão de Nova Friburgo e, posteriormente, à família Guinle. Seu jardim foi projetado pelo paisagista francês, Glaziou, quem também projetou a Quinta da Boa Vista. Esse importante local carregado da história da cidade e do país sofreu com as intempéries e o lago superior ainda não foi reaberto para os visitantes.

O Jardim do Nêgo – sítio do artista plástico Geraldo Simplício, o Nêgo, famoso por suas esculturas em terra e, cobertas por vegetação natural, também tratada por ele, sofreram deslizamento de terra que comprometeram seriamente algumas de suas famosas obras, entre elas, a Índia grávida e o Bebê.

O Centro Cultural de Rio Grandina foi uma referência na cidade, por suas oficinas de artesanato, de artes cênicas, de música, de manutenção de atividades culturais. A recuperação deste importante espaço ainda não foi iniciada.

Algumas dessas e de outras instalações jamais serão recuperadas, resultando no soterramento de parte importante da história e da cultura da cidade.

Por outro lado, essa é uma oportunidade única de se repensar a forma como os indivíduos se relacionam com o meio. Está claro que qualquer solução para o problema das chuvas na região serrana deverá contar com os esforços das autoridades e organizações no sentido de ampliar a conscientização das pessoas.

A população de Nova Friburgo precisa estar engajada em encontrar as medidas que poderão dar suporte à reconstrução da cidade de modo

sustentável, tornando a cultura local menos sujeita aos inevitáveis eventos da natureza.

Pessoas e ambiente – indivíduos e territórios – vêm sofrendo com as conseqüências dos desastres ambientais. As razões, segundo o Relatório Perspectivas do Meio Ambiente Mundial (IBAMA, 2004)³¹ podem ser diversas, entre as quais destacam-se: crescimento populacional, elevada densidade demográfica, migração e urbanização não planejada, degradação ambiental e mudanças climáticas.

Esse relatório também nos diz que até a década de 1970, os desastres ambientais no mundo eram considerados como fenômenos episódicos, causados por algum incidente e que por sua vez culminaram em alguma fatalidade.

Só no ano de 1971, foi criado o Escritório do Coordenador das Nações Unidas para Socorro em Casos de Desastre – atual Escritório das Nações Unidas para a Coordenação da Assistência Humanitária (UNOCHA) –, com o objetivo de mobilizar e coordenar atividades de socorro procedentes de todas as fontes em casos de desastre. Seus principais focos abrangiam inicialmente o socorro e a recuperação das áreas atingidas.

A grande incidência de eventos do tipo ocasionou o aumento da preocupação com a prevenção e a partir disso, o emprego da ciência e tecnologia passou a ser grande aliado com objetivo de reduzir as ocorrências e minimizar os impactos. A década de 1990 foi então considerada a Década Internacional para a Redução dos Desastres Naturais (IDNDR).

Atualmente, a ONU – Organização das Nações Unidas – reconhece a importância de realizar ações em parcerias entre governos, ONGs, comunidades científicas, e demais grupos de interesse a fim de promover a meta global de desenvolvimento sustentável.

De lá para cá, o termo sustentabilidade vem sendo amplamente disseminado com intuito de motivar a população a se envolver na problemática

³¹ IBAMA. Relatório Perspectivas do Meio Ambiente Mundial. **ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RETROSPECTIVAS POLÍTICAS: 1972-2002, 2004.** Disponível em: <http://www2.ibama.gov.br/~geobr/geo3-port/geo3port/cap2_atmosfera.pdf>. Acesso em: Outubro 2011.

e participar ativamente das ações em prol da coletividade e perenidade do meio em que vive. Nesse âmbito, é mandatório que os diversos grupos da sociedade estejam imbuídos em adotar medidas para dirimir o impacto da ação do homem no ambiente.

Assim sendo, as estratégias de redução dos riscos incluem, segundo o mesmo texto:

Mapeamento da vulnerabilidade; identificação de áreas seguras para assentamentos e desenvolvimento; adoção de códigos de construção com base na engenharia resiliente a desastres e nas avaliações de riscos e perigos locais; e adoção desses planos e códigos por meio de incentivos econômicos e de outras naturezas.

Pode-se buscar ao redor do mundo, exemplos de iniciativas voltadas para a superação e a prevenção de desastres ambientais. O Japão sempre se destaca nesse quesito. No entanto, o próprio relatório nos traz outras:

Na china:

Em 1999, a China sofreu as piores inundações em mais de cem anos, as quais afetaram mais de 300 milhões de pessoas. As inundações impulsionaram um maior compromisso político para a integração de programas de prevenção contra riscos e desastres ao planejamento nacional social e econômico.

Na África:

Na África Oriental, estão sendo implementados projetos de florestamento e reflorestamento para diminuir o impacto de futuras mudanças ambientais, particularmente a mudança do clima. Em algumas áreas, inclusive partes da África Ocidental, foram promulgadas medidas de longo prazo, como normas de planejamento urbano que proíbem a urbanização ao longo de cursos d'água, embora as limitações de recursos freqüentemente evitem que sejam aplicadas de forma rígida. Outras medidas incluem a elaboração e a implementação de alertas antecipados ou mecanismos de previsão.

No Vietnã:

O governo tomou decisões em relação a políticas para cada parte do país, incluindo aumentar a resistência a inundações e proteger áreas povoadas, por meio do fortalecimento do sistema de diques e estruturas de desvio de inundações no norte do Vietnã, de políticas para evitar e mitigar danos causados por inundações na região central do país e da política do delta do rio Mekong, planejada para preparar medidas para conviver com inundações e minimizar seus danos.

É nesse contexto que esse trabalho pretende ganhar força. Tem por objetivo fazer uma releitura dos desastres em Nova Friburgo, afirmando, mais uma vez, que são recorrentes e não episódicos. A compreensão dessa lógica é mister para mudar a perspectiva sobre o problema: não adianta reconstruir a cidade após cada tragédia, deixando-a vulnerável para a próxima.

O texto cita também a frase do secretário-geral das Nações Unidas Kofi Annan, que conclui e nos fornece o desfecho necessário a esse trabalho:

Devemos, acima de tudo, mudar de uma cultura de reação para uma cultura de prevenção. A comunidade humanitária faz um trabalho formidável de reação a desastres. Mas a tarefa mais importante a médio e a longo prazo é fortalecer e ampliar programas que reduzam o número e o custo de desastres em primeiro lugar. A prevenção não é apenas mais humana do que a cura, é também muito menos dispendiosa (IDNDR apud IBAMA, 2004).

Será tão difícil assim aprendermos a lição?

Capítulo 5. Conclusões

Certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil: são as montanhas, desertos e mares. Eles constituem, por assim, dizer elementos permanentes no mundo do homem, quer ele goste ou não. (TUAN, 1980, p. 58)

Em Nova Friburgo, as montanhas são parte, ou arrisco dizer, são a totalidade, da paisagem. Trata-se de uma realidade imutável e, portanto, deve ser de fato assumida com responsabilidade. A pretensão aqui é de imbuir, de uma vez por todas, na consciência pública que a tragédia é histórica, anunciada e com data marcada.

O passado tem que servir de referência para construção dessa cidade. A cidade, como visto, tem sua importância histórica, econômica, social e cultural. De fato os indivíduos têm que se valer dessa experiência em seu território a fim de construir uma identidade mais sólida e concisa.

O Professor da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, João Raimundo, afirma:

(...) se o problema tem forte componente natural não podemos, entretanto, apenas neutralizá-lo, sob pena de entendê-lo parcialmente. Em Nova Friburgo as inundações e a tragédia têm história. Só as elites políticas não a consideram (apud FERREIRA DE LIMA).³²

Seria inteligente criar programas, projetos e ações, de cunho educativo, voltadas para a tomada de consciência ambiental com intuito de criar condições para que o futuro que se delineia seja promissor. Sobre essa questão, Pedro Higgins faz quase um apelo:

A repetição das inundações ao longo dos anos deveria trazer consigo a rotina da mitigação das consequências da crise. Por isso, entra a questão educacional, pois é principalmente através dela que se alcança a sensibilização da população quanto à percepção do perigo, primordial para que a

³² FERREIRA DE LIMA, Pedro Higgins. *Por uma outra Nova Friburgo*.

crise não ocorra, e se ocorrer, que tenha o mínimo possível de consequências nefastas. (idem)³³

Mesmo sabendo das condições geofísicas do local e diante das constantes tragédias, parece não haver iniciativas formais para que se construam bases sólidas para consolidação de uma sociedade auto-sustentável e ecologicamente correta.

A destruição dos locais e saberes da cultura ocorreu antes das chuvas de janeiro de 2011. A identidade cultural da cidade foi fragmentada ao longo de sua história. Nunca houve esforços significativos em prol da conscientização ambiental, e a própria população reluta em se enxergar como parte do problema.

Nova Friburgo transformou-se em mero cenário pelo contemporâneo processo de espetacularização das cidades. A tentativa de estabelecer-se como destino cultural da “cultura de inverno” não tem obtido o mesmo sucesso do que em lugares como Campos do Jordão, Serra Gaúcha, etc.

Os friburguenses não estabeleceram relação de pertencimento para com sua cidade. O fato é agravado pela necessidade de se reconhecerem como cidadãos “cultos”, conhecedores do cotidiano da capital e não da sua própria cidade.

A distância da capital do estado dificulta o acesso da população aos bens e produtos culturais de outras cidades e regiões; e também tem dificuldades em incentivar o turismo ao local por ser a cidade serrana mais distante se comparada a Petrópolis e Teresópolis. Além disso, Petrópolis tem status de cidade imperial, e Friburgo, colonial.

As políticas públicas não valorizam a diversidade cultural existente. Iniciativas do âmbito privado, por parte de empresas como o SESC, SESI, Country Club, entre outros, embora muito mais assertivas, não têm sido capazes, de sozinhas, preencherem lacunas sócio-culturais, ainda que, representem grande valia no que se refere à oferta de atividades para a Região.

³³ Idem.

O SESC, por exemplo, apresentou em julho de 2011, seu tradicional Festival de Inverno, e ganhou força. As três cidades, vítimas da mesma tragédia, Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis, contaram com 24 dias de evento, 750 artistas, mais de 260 apresentações, envolvendo mais de dois mil profissionais de diversos segmentos e com a participação mais de 72 mil pessoas. Sem dúvida, depois da tragédia, foi um forte evento mobilizador sócio-cultural, fundamental para elevar o moral e ânimo dos seus munícipes.

Chegamos ao final de 2011, período em que entrego esse trabalho monográfico e, que coincide com a chegada de nova temporada de chuvas na região serrana.

Ainda hoje o quadro é tenso. A paisagem destruída ainda pode ser vista a olhos nus. Diante do todo, pouco foi feito. Nos últimos meses, não foram poucas as vezes em que as autoridades de Nova Friburgo decretaram estado de atenção e alerta. A cidade continua em risco. Tal fato continua gerando pânico, revolta e ansiedade, tanto para moradores quanto para parentes e amigos, que distantes, rezam e esperam por notícias após cada chuva mais forte, anunciada pelos jornais e noticiários.

Seria, portanto conveniente traçar políticas, por que não dizer culturais, já que trata-se de elemento de valor identitário, e, portanto que permeia diversas iniciativas que devem consolidar uma postura de postura de sustentabilidade.

Não tenho a pretensão de trazer soluções prontas, mas sim de fomentar a discussão e o questionamento sobre a forma como o problema precisa ser abordado.

Particularmente, embora tenha nascido na cidade do Rio de Janeiro, minhas primeiras memórias já remontam aos fins de semana passados com meu pai e avós em Nova Friburgo.

Não tenho como deixar de contar uma pequena história de meu avô, Farid Salim:

Marítimo - oficial de náutica da Marinha Mercante - viajante e conhecedor de diversas partes do mundo, ao se aposentar e, após ter vivido tantos anos no mar, só desejava uma coisa e dizia, brincando: "Vou sair pelo mundo com um remo nas costas e um sextante (aparelho para fazer cálculos e apontamentos astronômicos necessários à navegação no mar) nas mãos e,

quando um “caboclo” me parar e me perguntar o que carrego, ali me estabelecerei.” Assim ele escolheu Nova Friburgo, onde viveu por mais oito anos, feliz a cuidar das hortaliças plantadas no quintal e, a brincar com os netos pela casa, que chamamos carinhosamente de - “Cantinho do Vovô”...

Desde meus cinco anos freqüento a cidade. Aos oito anos de idade passei a morar com eles e a desfrutar e fazer parte da cultura da cidade, bem como esta passou a fazer parte de mim. Foi lá que cursei o ensino fundamental e médio. Saí da cidade aos dezoito anos para cursar faculdade em Niterói e fixei residência no Rio de Janeiro.

Ainda hoje tenho uma relação próxima com a cidade. Meu irmão nasceu e está sendo criado lá e, só posso esperar que ele tenha boas experiências.

Que ele construa sua história onde possa conviver com uma cidade melhor, mais forte, reconstituída, moral e fisicamente, estabelecendo assim, uma identidade mais sólida com sua cidade natal, com uma “Nova” Friburgo.

Referências

- BLANCHOT, M. **A Comunidade Inconfessável**. [S.l.]: [s.n.], 1983.
- BORDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Ática, 1994.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. II, 2005. In: A era da informação: economia, sociedade e cultura.
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO D. JOÃO VI. Centro de Documentação D. João VI - Pró-Memória de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.djoaovi.com.br>>. Acesso em: Maio 2011.
- CODENF. CODENF - Conselho de Desenvolvimento de Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.codenf.com.br/>>. Acesso em: Maio 2011.
- COELHO, T. **Dicionário Crítico de Políticas Culturais. Identidade Cultural**. São Paulo: [s.n.], 2004.
- CULTURA.RJ. PLANO NACIONAL DE CULTURA - Notas de um diagnóstico preliminar: A Cultura na Região Serrana. **Cultura.rj**, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/downloads-projeto/plano-estadual-de-cultura>>. Acesso em: Maio 2011.
- CÚRIO, P. **Como Surgiu Nova Friburgo**. [S.l.]: Sedegra, 1974.
- FANTÁSTICO. Fantástico simula em laboratório deslizamento de terra. **Fantástico**, 2011. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,MUL1641934-15605,00.html>>. Acesso em: Maio 2011.
- FERREIRA DE LIMA, P. H. **Por uma outra Nova Friburgo**. [S.l.]: [s.n.].
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.
- FREUD, S. **Sobre a Transitoriedade (1915), Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FREUD, S. **O Mal-estar na cultura**. [S.l.]: L&pm, 2010.
- G1. Imagens de Nova Friburgo antes e depois da destruição. **G1 - Chuvas no RJ**, Janeiro 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/01/veja-imagens-de-nova-friburgo-antes-e-depois-da-destruicao.html>>. Acesso em: Maio 2011.

HOBSBAWM, E. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

IBAMA. Relatório Perspectivas do Meio Ambiente Mundial. **ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RETROSPECTIVAS POLÍTICAS: 1972-2002**, 2004. Disponível em: <http://www2.ibama.gov.br/~geobr/geo3-port/geo3port/cap2_atmosfera.pdf>. Acesso em: Outubro 2011.

IBGE. Censo 2010. **IBGE**, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> e em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: Maio 2011.

JACCOUD, R. L. D. S. **Histórias, contos e lendas da velha Nova Friburgo**. [S.l.]: Ed. Independente, 2007.

MACHADO, H. F.; NEVES, L. M. B. P. D. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, P. S. D. **Introdução à Sociologia**. 18. ed. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO. Prefeitura de Nova Friburgo | por uma Nova Friburgo, 2011. Disponível em: <<http://www.pmnf.rj.gov.br>>. Acesso em: 2011 Maio.

RIVERA, T.; OITICICA, H. A Criação e o Comum. **Revista Viso**, 2009. Disponível em: <www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_7_TaniaRivera.pdf>. Acesso em: Abril 2011.

SANTANA, M. C. D.; FILHO, S. C. S. Práticas de Geografia. **Publicação anual do curso de geografia – licenciatura plena – Faculdade Santa Dorotéia**.

TSCHUDI, J. J. V. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. Introdução de Afonso de E. Taunay.

TUAN, Y.-F. **Topofilia – Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VIOTTI, E. D. C. **Da Monarquia à República – Momentos Decisivos**. 5. ed. ed. São Paulo: [s.n.], 1987.

Anexos

Visam ilustrar três momentos na história da cidade: o depois das chuvas; o estado dela após seis meses; e sua situação atual chegando há quase um ano após a tragédia.

a) Fotos Comparativas: Antes e Depois da Tragédia de Janeiro de 2011

Na sequencia, seguem algumas imagens que ilustram o impacto das chuvas em diversos pontos da cidade. Comparando duas imagens do mesmo local, antes e depois da tempestade. Todas as fotos foram tiradas do site de notícias G1.³⁴

³⁴ G1. "Imagens de Nova Friburgo antes e depois da destruição." *G1 - Chuvas no RJ*. Janeiro de 2011. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/01/veja-imagens-de-nova-friburgo-antes-e-depois-da-destruicao.html> (acesso em Maio de 2011).

Antes

Foto: Google Street View



Capela de Santo Antônio, na Praça do Suspiro, uma das áreas mais atingidas da cidade

Depois

Foto: Celso Pupo/G1



Antes

Foto: Google Street View



Rua Padre Luís Yabar
(ao final da rua, portão
do Colégio Anchieta)

Depois

Foto: Carolina Lauriano/G



Antes
Foto: Google Street View



Rua Henrique Zamith,
esquina com Av.
Euterpe
Friburguense

Depois
Foto: Carolina Lauriano/G



Antes

Foto: Google Street View

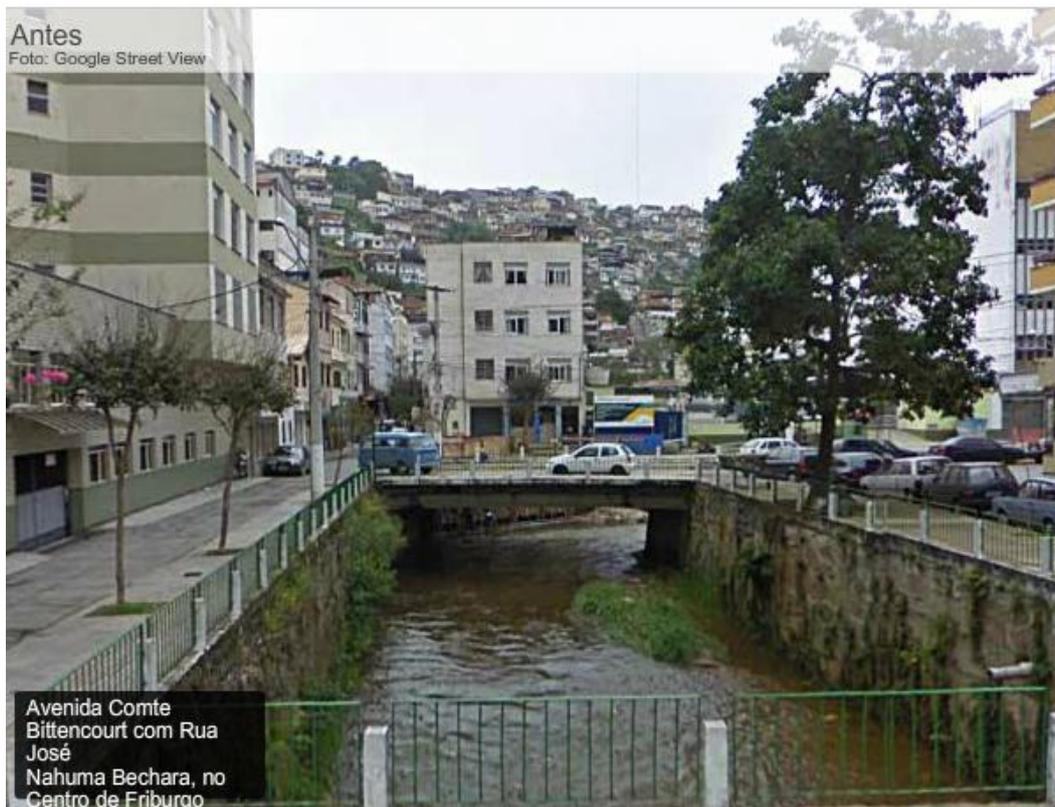


Depois

Foto: Carolina Lauriano/G



Antes
Foto: Google Street View



Avenida Comte
Bittencourt com Rua
José
Nahuma Bechara, no
Centro de Friburgo

Depois

Foto: Carolina Lauriano/G



b) Fotos – Julho de 2011.

Crédito: Farid Lopes Salim Júnior.





Rua Cristina Ziedy



Teatro Municipal



Estrada Friburgo /
Teresópolis

c) Fotos Atuais – Dezembro de 2011.

Crédito: Farid Lopes Salim Júnior.







Teatro Municipal

